

A CRÍTICA DE ALASDAIR MACINTYRE À CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DAS TRADIÇÕES FILOSÓFICAS ANALÍTICA E CONTINENTAL

Rutiele Pereira da Silva Saraiva (orientanda ICV/UFPI), Helder Buenos Aires de Carvalho (Orientador. Departamento de Filosofia – UFPI).

INTRODUÇÃO:

Em sua perspectiva filosófica, Alasdair MacIntyre, filósofo contemporâneo escocês radicado nos Estados Unidos, propõe o rompimento das fronteiras disciplinares acadêmicas convencionais, de modo a resgatar uma unidade das práticas com o auxílio da tradição, retraçando o lugar das virtudes na vida humana. Uma das etapas dessa tarefa consiste na análise da crise da linguagem da moralidade, que tem seu lugar de destaque no fracasso do projeto iluminista de justificar racionalmente a moralidade.

Nesse sentido, podemos perceber a visão de MacIntyre segundo a qual o que restam hoje são fragmentos desarticulados de moralidades descontextualizados, que assumem uma posição anti-tradicionalista, errando justamente por ignorar o papel da historicidade na construção de suas teorias e não alcançam assim uma unidade, gerando debates incomensuráveis e intermináveis. Um desses fragmentos é a concepção de linguagem das tradições filosóficas analítica e continental como definidora do humano, distanciando o homem de sua animalidade; algo que, para MacIntyre, é um componente fundamental de sua identidade. O presente estudo visa elucidar a crítica de MacIntyre a essa concepção de linguagem de modo a explicitar sua visão teleológica da teoria e da ação humana.

METODOLOGIA:

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi feito o estudo das obras de Alasdair MacIntyre: *Depois da virtude* (2001), dos três últimos capítulos de *Justiça de Quem? Qual racionalidade?* (1991); e *Animais Racionais Dependentes* (1999^a).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

1. A crise da moralidade na sociedade contemporânea segundo Alasdair MacIntyre: MacIntyre constata que há uma crise na linguagem da moralidade contemporânea, representada principalmente pelo emotivismo, em que só há resquícios de moralidades esquecidas; levando-nos a um debate ético incomensurável e interminável, em que a linguagem moral fica desprovida de objetividade e princípios, sendo utilizada apenas para expressar vontades individuais. Torna-se assim impossível chegar a um acordo moral. Se propõe então à tarefa e retomar a ética aristotélica das virtudes, devidamente revisada.

2. A questão da linguagem na filosofia moral de Alasdair MacIntyre: MacIntyre discute as questões de tradutibilidade e o tema da crise da linguagem moral contemporânea, que deixa de lado a as heranças sócio-culturais. Afirma que a pré-condição para que adeptos de tradições rivais compreendam-nas como tais é que elas sejam capazes de compreender um ao outro, relativamente

bem. Para tanto, a investigação das relações lingüísticas se faz necessária. O autor ressalta que a investigação filosófica não pressupõe a pesquisa semântica e opta por um estudo da linguagem situada e não uma semântica a-histórica. Nesse ponto é possível perceber claramente o distanciamento de MacIntyre da concepção analítica, que coloca a semântica como filosofia primeira e concebe a resolução das discordâncias filosóficas primeiramente no nível da pesquisa semântica. Para MacIntyre, tal concepção é sem razão.

3. A crítica de Alasdair MacIntyre à concepção de linguagem das Filosofias analítica e continental, ou a concepção de Identidade Humana MacIntyreana que vai de encontro às filosofias languageiras: MacIntyre defende notoriamente a tese da identidade humana como uma identidade animal e, ainda, que há continuidades e semelhanças entre aspectos de atividades inteligentes de animais não-humanos em relação à racionalidade prática dos seres humanos enquanto seres dotados de linguagem. Possuir linguagem e fazer dela uso reflexivo não suprime do animal humano o que compartilha com as outras espécies, tanto quanto no que concerne à animalidade quanto como formas de vida. A linguagem, ou melhor, o uso da linguagem não deve ser encarado como o definidor do humano, já que este possui de modo indissociável, uma primeira natureza e identidade animal. A partir disso, MacIntyre parte para a argumentação e contra-argumentação em relação à capacidade de crenças e razões para agir presentes nos animais não-humanos. O filósofo afirma que esse tema foi abordado de forma insatisfatória, e em grande parte, analisado de uma posição unilateral e exclusivista. MacIntyre usa os golfinhos como exemplo no seu argumento de que alguns animais não-humanos podem ter sim crenças, pensamentos, sentimentos e posse de conceito; o modo como perseguem bens de modo específico faz com que a linha entre esses animais e os humanos se torne mais tênue, no sentido de que admitir para eles bens, leve a admitir razões para agir.

É nesse aspecto que se constitui a crítica de MacIntyre às perspectivas filosóficas que suprimem esse caráter dos animais não-humanos da procura de bens, possuindo razões para agir em tal orientação; entre elas a filosofia analítica, que segundo MacIntyre é a corrente filosófica mais radical nesse aspecto, tendo traçado uma linha divisória que seria rígida e pouco esclarecedora entre o ser humano e os animais não-humanos.

CONCLUSÃO:

O que se conclui da pesquisa realizada é, inicialmente, que MacIntyre é um defensor radical das tradições, concebendo-as como necessárias à investigação racional acerca da moralidade. Dentro do conceito de tradição apontado pelo autor e de sua ênfase no caráter histórico da moralidade, percebemos a relação entre filosofia – mais especificamente filosofia moral – com história, virtude, e linguagem. A partir desses quatro elementos podemos visualizar esquematicamente sua teoria moral e sua pretensão ao retomar como sua fundamentação a ética aristotélica das virtudes. E é a partir do reconhecimento da dependência e vulnerabilidades humanas como percurso para alcançar o *status* de raciocinador prático, além do reconhecimento da natureza animal inerente ao homem, que MacIntyre faz sua crítica à concepção de linguagem que a caracteriza como único caráter definidor do humano: filosofia analítica e filosofia continental.

Inicialmente pudemos analisar o papel da linguagem dentro do trabalho de MacIntyre ao percorrer toda a história do debate moral na filosofia (ou mesmo antes, na observação do agir humano relatado na poesia homérica). Trabalho cuja pretensão é retraçar um modelo teórico-prático da moralidade que não possua as mesmas falhas do projeto iluminista, que seja adequável à contemporaneidade e traga um preenchimento para o vazio deixado pelo fracasso de tal projeto. O fracasso que deu vazão ao emotivismo e aos debates morais incomensuráveis e infundáveis; libertando o sujeito de princípios e objetividade para o seu agir e que levou muitos a recorrerem ao niilismo, existencialismo e pessimismo na falta de um *telos*, ou princípio teológico que os orientassem em suas práticas.

A identidade humana é, segundo o autor, uma identidade animal, e permanece identidade animal mesmo após adquirir o que seria sua “segunda natureza ou identidade”: a cultura e, com ela, a linguagem. Permanece compartilhando com os animais não-humanos inteligentes muitas características, como o percorrer dos bens, e a vulnerabilidade (principalmente na primeira infância e na velhice), em que se intensificam as relações de dependência, e quando são aplicados padrões de reciprocidade, são eles que fazem com que a nossa relação com as pessoas seja diferente da que estabelecemos com animais de outras espécies, que tornam o ser humano enquanto tal. É aí que recai a crítica de MacIntyre às filosofias languageiras, que fazem uma cisão entre humano e não-humano com o argumento de que a linguagem é o definidor humano.

Para MacIntyre, o requerer para o alcance do raciocínio prático vai além; ele coloca a Virtude, ou excelência, como caminho para o raciocínio prático independente. É o exercício das virtudes que capacita o homem a emitir juízo prático independente, e as qualidades de caráter são necessárias para as relações de reciprocidade. É então que a retomada da ética aristotélica das virtudes devidamente revista surge na teoria macIntyreana como proposta a solucionar o caos instaurado na conduta moral do homem contemporâneo. Possuindo virtudes como caráter, coragem e justiça, talvez o homem enxergue sua responsabilidade enquanto cidadão que faz parte de uma cultura, de uma sociedade, e possui um papel que deve ser executado com excelência, que reconhece suas vulnerabilidades e compreende a sua “dívida”, participando das relações de dar e receber. O raciocinador prático reconhece as vulnerabilidades, e nesse reconhecimento atinge a independência. É necessário também abandonar a idéia de cisão radical entre humano e não-humano que dá direitos arbitrários ao primeiro em relação ao segundo, de modo que o homem pare com sua ação exploradora e siga o caminho das virtudes, e não dos vícios. MacIntyre defende o comunitarismo como modelo a ser seguido, por acreditar que a reciprocidade é a base para uma ética das virtudes e no qual as relações políticas, sociais e econômicas possam estar equilibradas.

De tal modo, ao final da pesquisa percebemos a relevância da crítica de Alasdair MacIntyre às tradições analítica e continental, que vão de encontro à sua teoria ética das virtudes; pois, como já foi dito, não é a posse de linguagem que define o humano, são todas essas relações já citadas, e sua natureza animal (que se constitui em um estágio anterior à linguagem) não pode ser dissociada desse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Crítica. MacIntyre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MACINTYRE, A. **Depois da virtude**. São Paulo: Edusc, 2001.

_____. **Justiça de quem? Qual racionalidade?**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Animales Racionales y Dependientes**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2001.